



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**TALITA OLIVEIRA**

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS: OS SÍMBOLOS DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA  
ESTADUAL OBDÚLIA DANTAS – CATOLÉ DO ROCHA-PB**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB**

**2017**

**TALITA OLIVEIRA**

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS: OS SÍMBOLOS DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA  
ESTADUAL OBDÚLIA DANTAS – CATOLÉ DO ROCHA-PB**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado e defendido ao Departamento de Letras e Humanidades – DLH, Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Jairo Bezerra

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Talita Oliveira da.

A importância da leitura e escrita na perspectiva da educação de jovens e adultos: os símbolos da aprendizagem na escola estadual Obdúlia Dantas - Catolé do Rocha - PB. [manuscrito] / Talita Oliveira da Silva. - 2017.

56 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Jairo Bezerra, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Educação de Jovens e Adultos.

21. ed. CDD 374

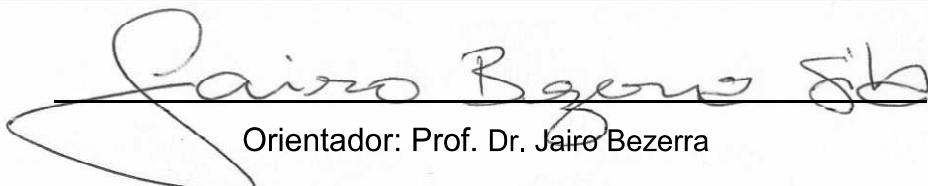
**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS: OS SÍMBOLOS DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA  
ESTADUAL OBDÚLIA DANTAS – CATOLÉ DO ROCHA-PB**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado e defendido ao Departamento de Letras e Humanidades – DLH, Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

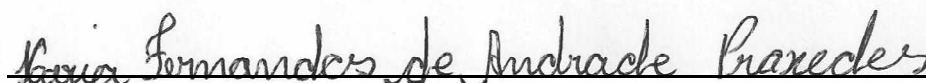
Orientador: Prof. Dr. Jairo Bezerra

Aprovado em: 14 de dezembro de 2017.

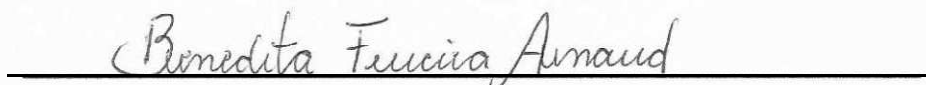
**BANCA EXAMINADORA**



Orientador: Prof. Dr. Jairo Bezerra



Membro: Prof<sup>a</sup>. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes



Membro: Prof<sup>a</sup>. Ma. Benedita Ferreira Arnaud

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2017



## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me concedido esta rica oportunidade.

Ao meu orientador Dr. Jairo Bezerra, por disponibilizar um pouco do seu precioso tempo, dando sua contribuição significativa à minha pesquisa.

A todos os colegas por compartilharem comigo suas experiências e angústias.

Agradeço especialmente à minha filha Yasmin, ao meu filho Enzo e ao meu esposo Tibério, por me reanimarem nos momentos de angústia e desânimo.

Aos amigos (as) que sempre acreditaram em meu potencial.

A todos que direta ou indiretamente participaram da realização deste trabalho.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

## RESUMO

O presente trabalho intitula-se: a importância da leitura e escrita na perspectiva da Educação de Jovens e Adultos: os símbolos da aprendizagem na E. E. E. I. M. Obdúlia Dantas- Catolé do Rocha - PB, realizado através de uma pesquisa de campo com um levantamento bibliográfico com enfoque quantitativo e qualitativo, através de método dedutivo, tendo como objetivo geral: analisar os fatores que dificultam a leitura e a escrita na Educação de Jovens e Adultos. A leitura e a escrita constituem um alicerce imprescindível aos Jovens e adultos para o desenvolvimento e construção das diversas aprendizagens indispensáveis para o crescimento social, cultural e intelectual dos mesmos na sociedade letrada. Para estas abordagens, pautamo-nos nas concepções teóricas de Gadotti (2006), Freire (2003), Pierro (2010), Frigotto (2003), Kleiman (2001-2004), dentre outros. Dessa forma, devemos compreender a importância de vivificar a inclusão social e a inserção no mercado de trabalho de jovens e adultos, oportunizando condições para que essa parte da população constitua sua cidadania, restaure a sua identidade e possa ter acesso à qualificação. Haja vista, as principais barreiras no mundo em desenvolvimento serem representadas pelas desigualdades no acesso à educação e a oferta de baixo custo e de qualidade continuarem persistindo.

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Educação de Jovens e Adultos.

## **ABSTRACT**

The present work is entitled: the importance of reading and writing in the perspective of Youth and Adult Education: the learning symbols in the EEEIM Obdúlia Dantas - Catolé do Rocha - PB, carried out through a field research with a bibliographic survey with a quantitative and qualitative approach, through a deductive method, with the general objective of analyzing the factors that make reading and writing difficult for young people and adults. Reading and writing are an essential foundation for young people and adults for the development and construction of the various learning indispensable for their social, cultural and intellectual growth in the literate society. For these approaches, we focus on the theoretical conceptions of Gadotti (2006), Freire (2003), Pierro (2010), Frigotto (2003), Kleiman (2001-2004), among others. In this way, we must understand the importance of enlivening social inclusion and insertion in the labor market of young people and adults, providing conditions for this part of the population to constitute their citizenship, restore their identity and have access to qualification. In view of this, the main barriers in the developing world are represented by the inequalities in access to education and the low-cost and quality offer continue to persist.

**Keywords:** Reading. Writing. Youth and Adult Education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CNE – Conselho Nacional de Educação

CEB – Câmara de Educação básica

CONFINTER – Conferência Internacional de Educação de Adultos

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ENCEEJA - Exame Nacional de Certificação de Competências

FUNDEF- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério

FUNDEB- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização do Magistério

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

INEP – Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais.

PPP - Projeto Político Pedagógico

PROJOVEM – Programa Nacional de Inclusão de Jovens

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

## LISTA DE TABELAS E GRÁFICO

TABELA 1 – DADOS DO DOCENTE.....	34
GRAFICO 1- DIFICULDADES DOS ALUNOS DA EJA NA ASSIMILAÇÃO DO CONTEÚDO.....	39
TABELA 2 – ATIVIDADES REALIZADAS PARA FAVORECER A APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA.....	44

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.....</b>	<b>13</b>
1.1 Um esboço sobre a E.JA.....	13
1.2 EJA:público diferenciado.....	15
1.3 Paulo Freire e seu legado: um breve histórico.....	17
<b>2 LER E ESCREVER: IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE.....</b>	<b>23</b>
2.1 Concepções e práticas da leitura e escrita.....	23
2.2 Ambientes promotores da aprendizagem da leitura .....	27
2.3        Ambientes        promotores        da        aprendizagem        da escrita.....	28
<b>3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS.....</b>	<b>31</b>
3.1 Caracterização da Escola Campo de Pesquisa.....	31
3.1.1 Aspectos sóciohistóricos e físico-materiais.....	32
3.1.2 Organização e funcionamento institucional.....	33
3.1.3 Planejamento e avaliação no PPP.....	33
3.2 O professor Colaborador.....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

O Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Jovens e Adultos da UNESCO, (2016), indica que a educação de adultos nas periferias do globo, tem como objetivo suprir a lacuna das crianças e adolescentes que não estudaram na idade regular. Aponta ainda, que na América Latina e Caribe: A educação de adultos continua a ser relacionada essencialmente com a educação básica e compensatória, mais especificamente no que diz respeito à alfabetização de adultos e à integração profissional e social dos jovens fora da escola.

Freire (2003), afirma que aprender a ler e a escrever é se apropriar do código linguístico-gráfico, é tornar-se de fato um usuário da leitura e da escrita. Dessa forma, na Educação de Jovens e Adultos o objetivo do ensino deve ser aprimorar as competências com o intuito de melhorar o desempenho linguístico do sujeito, levando em consideração a integração e a mobilidade sociais das mesmas, enquanto indivíduos inseridos em uma sociedade letrada, desenvolvendo o ensino numa perspectiva qualitativa e eficaz, pois a alfabetização deve ser usada para libertar, transformar e permitir que atue sobre a sociedade, fugindo da alienação.

Assim, deduz-se que os instrumentos imprescindíveis para uma formação geral que possibilite cidadãos autônomos e atuantes nesta sociedade em constante mutação, são as práticas sociais de leitura e escrita.

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta à temática: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: OS SÍMBOLOS DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA OBDÚLIA DANTAS – CATOLÉ DO ROCHA-PB. Freire (1996) afirma que a educação de jovens e adultos, deve ter como objetivo ajudar o sujeito em sua inserção no contexto histórico. Assim, na educação deve-se garantir o direito de aprender e ampliar conhecimentos no decorrer da vida. É ainda, vencer os desafios da alfabetização dos Jovens e Adultos por meio de práticas pedagógicas aplicadas pelos docentes de forma eficaz e eficiente. E assim, vivencia a Educação Libertadora.

Isto posto, a realização desta pesquisa ocorreu após a inquietação sobre qual seria o significado e importância atribuídos a leitura e a escrita no ensino-aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos, tendo em vista que os novos e



necessários objetivos da EJA é incluí-los no sistema educacional, provendo condições de ensino e garantindo que o acesso à escola para essas pessoas, que por um motivo ou outro no transcorrer de suas vidas foram privadas desse direito, é, portanto, obrigação do Estado e prevista por Leis, visto que regulam os direitos humanos e à Educação como um todo, sejam efetivamente praticados.

Considerando a teoria apresentada por vários estudiosos da Educação sobre leitura e escrita, constatou-se de forma clara e objetiva que a leitura e a escrita constituem um alicerce imprescindível aos Jovens e adultos para o desenvolvimento e construção das diversas aprendizagens indispensáveis para o crescimento social, cultural e intelectual dos mesmos na sociedade letrada.

Com base nessas reflexões, esta pesquisa adotou a seguinte problemática: Quais os fatores que dificultam o ensino da leitura e da escrita para o discente da EJA, influenciando e limitando sua aprendizagem?

As hipóteses são: a leitura e a escrita, quando trabalhadas de forma dialógica e interativa constituem um alicerce para o bom desempenho dos discentes da EJA em todas as atividades escolares, possibilitando a construção das diversas aprendizagens indispensáveis para o crescimento social, cultural e intelectual dos mesmos na sociedade letrada.

A partir do questionamento, elencam-se os objetivos que conduziram à elaboração da pesquisa. Como objetivo geral: Analisar os fatores que dificultam a leitura e a escrita na Educação de Jovens e Adultos. E como específicos: Conhecer como se desenvolve a leitura e escrita na EJA- 1º ano médio; identificar a metodologia utilizada pelo docente para trabalhar a leitura e a escrita na EJA- 1º ano médio; Sugerir estratégias para reduzir as dificuldades com a leitura e a escrita.

Procurou-se fundamentação na Constituição de 1988 e na LDB/9394/96 e outros autores que trouxeram reflexões ao tema em estudo, entre os quais se destacam: Gadotti (2006), Freire (2003), Pierro (2010), Frigotto (2003), Kleiman (2001-2004), dentre outros.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho fundamenta-se numa abordagem de caráter descritivo de abordagem qualitativa, que considera a relação dinâmica entre a realidade e o sujeito. O ambiente natural, ou seja, a escola; sendo a fonte direta para a coleta dos dados e o pesquisador foi o instrumento chave para garantir a procedência e a credibilidade da pesquisa.

A escolha da temática surgiu, durante o estágio desenvolvido nas turmas de Educação de Jovens e Adultos na Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Obdúlia Dantas, e da necessidade de conhecer o processo de leitura e escrita desses alunos, bem como a história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

Na intenção de seguir a sistematização teoria e prática, organizou-se a pesquisa em quatro momentos, iniciando com a introdução a qual destina-se a justificativa, objetos, problemática, bem como ao caminho percorrido para realizar esta investigação. No segundo momento, apresenta-se a teoria que embasa a aprendizagem, um breve histórico sobre a EJA no Brasil e a realidade e trabalho na Educação de Jovens e Adultos. O terceiro momento, discorre sobre as concepções de leitura, ambientes promotores de aprendizagem e a construção da escrita. No quarto momento, analisa-se os dados coletados à luz das teorias e de documentos da Escola (Projeto Político Pedagógico), além do questionário respondido pelo professor de Língua Portuguesa da EJA, turno noturno da Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Obdúlia Dantas em Catolé do Rocha-PB.

Afora a existência de outras pesquisas envolvendo a temática aqui desenvolvida, existe ainda, fatos a serem ressaltados na problemática aqui estudada. Desse modo, pretende-se que este estudo possa servir como embasamento teórico para outros pesquisadores que tenha interesse pelo assunto. Contudo, está aberta a permitir que futuramente possa ser mais aprofundada, trazendo soluções práticas para solucionar a problemática que foi levantada, haja vista não se apresentar pronta e acabada.

## 1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito ao direito à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser.

Paulo Freire, 2003

### 1.1 Um esboço sobre a EJA

A Educação de Jovens e Adultos tornou-se um direito garantido pela Constituição Federal de 1988, a qual estabeleceu algumas diretrizes para a referida modalidade de ensino, assim redigida:

[...] garantia de educação básica, para os jovens e adultos das camadas populares; inserção orgânica da educação de jovens e adultos no sistema de ensino do país; a locação de dotação orçamentária para o desenvolvimento dos serviços educacionais para jovens e adultos no conjunto do sistema nacional de ensino; construção da identidade própria da educação de jovens e adultos; garantia de habilitação e profissionalização dos educadores de jovens e adultos; exercício da gestão democrática na educação de jovens e adultos (FUNDAÇÃO EDUCAR, 1988, p.18-19).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 passa a considerar a Educação de Jovens e Adultos - EJA como modalidade da educação básica, o que reafirma a sua institucionalização. Segundo Friedrich e Benite (2012), esse novo termo passou a substituir a nomenclatura do ensino supletivo, trazendo com isso, à compreensão do que pode ser o atendimento ao público jovem e adulto, o que é uma concepção mais abrangente.

Contudo, o artigo 38 da lei supracitada continua a fazer referência aos cursos e exames supletivos, “[...] habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular” (BRASIL, 1996, p. 33), bem como, rebaixou a idade de certificação via exame para 15 anos no Ensino Fundamental e 18 anos no Ensino Médio, permitindo assim, a entrada de alunos mais novos na EJA, o que mais tarde, foi regulamentado pelo Parecer CNE/CEB nº 11/ 2000.

Embora a nova LDB tenha passado a considerar a EJA como modalidade da educação básica, surgiram inúmeras dúvidas sobre como deveria ser organizada a

EJA nas instituições de ensino. Para tanto, no ano 2000, foram aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, produzidas pelo Conselho Nacional de Educação - CNE, a fim de esclarecer as dúvidas que encontravam-se recorrentes em relação a sua nova abordagem.

Os Documentos supracitados propõem três diferentes funções a essa modalidade: **reparadora**, que restitui o direito ao acesso a uma educação de qualidade até então negada à população, **equalizadora**, com a garantia de continuidade dos processos formativos interrompidos e **qualificadora**, baseada na ideia de educação ao longo da vida (BRASIL, 2000).

Todavia, apesar de grandes debates e o avanço nas legislações, dados a falta de incentivos financeiros, não houve significados aumentos nas políticas de atendimento a tal modalidade.

Segundo Pierro (2010), no ano de 2006 a EJA passou a ser incluída no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização do Magistério (FUNDEB) e nos programas nacionais de livro didático, de alimentação e transporte escolar, além de um grande número de eventos internacionais que impulsionaram a realização de políticas públicas focadas na EJA. Destaque para a Conferência Mundial de Educação em Jonthien, na Tailândia, ocorrida no mês de março de 1990, onde aprovou-se a Declaração Mundial de Educação para Todos, “incluindo metas relativas à redução de taxas de analfabetismo, além da expansão dos serviços de educação básica e capacitação aos jovens e adultos, com avaliação sobre seus impactos sociais” (PIERRO, JOIA, RIBEIRO, 2001, p. 68).

De acordo com os documentos apresentados a Conferência Mundial de Educação em Jonthien (1990, p. 1), carrega-se em primeiro plano, duas enormes preocupações com a educação: Mais de 960 milhões de adultos – dois terços dos quais mulheres são analfabetas, e o analfabetismo funcional é um problema significativo em todos os países industrializados ou em desenvolvimento; mais de um terço dos adultos no mundo não têm acesso ao conhecimento impresso, as novas habilidades e tecnologias, que poderiam melhorar a qualidade de vida e ajudá-los a perceber e a adaptar-se às mudanças sociais e culturais.

Entre outros marcos no debate e na construção, em relação as políticas para a EJA, surgiram também, em 1997, a Conferência Internacional sobre Educação de Adultos em Hamburgo, Alemanha e, mais bem mais recente, no ano de 2010, a IV

CONFINTEA – Conferência Internacional de Educação de Adultos, realizada em Belém-PA, em sua primeira vez na América Latina.

Podem ser citadas, ainda as iniciativas globais, no Brasil, e algumas ações do governo federal direcionadas aos programas que, segundo Pierro (2010), encontravam-se oferecidos por diferentes instâncias do governo e pode-se dizer que estavam pouco articulados, como: o programa Brasil Alfabetizado; o PROJovem – Programa Nacional de Inclusão de Jovens; o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos; o Programa de Educação na Reforma Agrária; e o ENCEEJA – Exame Nacional de Certificação de Competências, realizado pelo INEP – Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais.

Aprovou-se também, no ano de 2010, a Resolução CNE/CEB nº 3, que instituiu diretrizes operacionais para essa modalidade de ensino. Tais diretrizes reafirmam a idade mínima de 15 anos para ingresso na EJA no Ensino Fundamental e 18 no ensino médio. Bem como, reafirmam a importância para uma integração da EJA ao Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica. O documento estabelece ainda, um padrão de tempo mínimo de horas de duração para os seus cursos: nos anos finais do Ensino Fundamental, a duração seria de 1.600 horas; para o Ensino Médio, 1.200 horas (Resolução nº 03, 2010, art. 4º). No tocante a duração dos anos iniciais do Ensino Fundamental permanecia a critério de cada sistema de ensino.

## **1.2 EJA: público diferenciado**

Para Gramsci (2006), a construção da plenitude do homem em todos os aspectos está imbricada na Educação e trabalho os quais são conexos. Haja vista não ser possível separar trabalho de educação e/ou educação de trabalho. Pois por mais singela que seja qualquer atividade laboral, exige certo grau de abstração.

O Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos da UNESCO, indica que a educação de adultos nas periferias do globo, tem como objetivo suprir a lacuna das crianças e adolescentes que não estudaram na idade regular. Aponta ainda, que na América Latina e Caribe: a educação de adultos continua a ser relacionada essencialmente com a educação básica e compensatória,

mais especificamente no que diz respeito à alfabetização de adultos e à integração profissional e social dos jovens fora da escola. (BRASIL, 2010, p.34).

Fazer uma educação superior ou continuar estudando por toda vida, não faz parte da perspectiva da grande maioria dos jovens e adultos que estão inseridos nessa modalidade de ensino, tão pouco é contemplada nas políticas públicas dos países latino-americanos e Caribe como é afirmado pela UNESCO (2010, p.13) a:

Educação de adultos denota o conjunto de processos educacionais organizados, seja qual for o conteúdo, nível e método, quer sejam formais ou não, quer prolonguem ou substituam a educação inicial nas escolas, faculdades e universidades, bem como estágios profissionais, por meio dos quais pessoas consideradas adultas pela sociedade a que pertencem desenvolvem suas habilidades, enriquecem seus conhecimentos, melhoram suas qualificações técnicas ou profissionais ou tomam uma nova direção e provocam mudanças em suas atitudes e comportamentos na dupla perspectiva de desenvolvimento pessoal e participação plena na vida social, econômica e cultural, equilibrada e independente; contudo, a educação de adultos não deve ser considerada como um fim em si, ela é uma subdivisão e uma parte integrante de um esquema global para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

Para tanto no relatório da UNESCO visualiza-se também avanços no sentido de realização plena do ser humano em suas relações sociais e culturais e não apenas a apropriação de saberes com o fim econômico em si mesmo. Haja vista a educação em soma com demais fatores torna-se capaz de transformar a vida humana em uma forma mais digna.

O pensamento marxista, leva em consideração que não só o homem se constrói, e sim a forma com que produz a vida material projeta no que ele é “a maneira pela qual os homens se relacionam e buscam preservar a espécie é o trabalho” (GADOTTI, 2006, p.46).

Ainda de acordo com Gadotti (2006), o pedagógico tem um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano, das suas faculdades na contingência de “dominar” a natureza para a sua sobrevivência. O ambiente escolar tem uma grande função social. “A formação cultural do proletário só será completa numa sociedade em que for abolida a divisão social do trabalho, que divide os que “fazem” dos que “pensam”, porque essa divisão o embrutece espiritualmente”.

Gadotti (2006) menciona o termo “revolução pedagógica” visando a transformação da escola em conjunto com toda a sociedade. Haja vista uma não existir sem a outra, pois conjuntamente estão entrelaçadas no processo de

construção e desconstrução da realidade hodierna. Portanto, uma escola renovada significativamente refletirá no seio da sociedade que sentir-se-á na obrigação de transformar-se também histórico-social e culturalmente.

### **1.3 Paulo Freire e seu legado: um breve histórico**

Paulo Reglus Neves Freire, educador e filósofo brasileiro, nasceu em Recife, no dia 19 de setembro de 1921, vindo a óbito em 2 de maio de 1997 no estado de São Paulo. Formou-se em direito, mas, não exerceu a profissão e seguiu o magistério.

No ano de 1963, na cidade de Angicos, no estado do Rio Grande do Norte, foi chefe de programa que alfabetizou 300 alunos, entre eles jovens e adultos, em apenas um mês. No ano seguinte Freire teve seus trabalhos interrompidos, devido ao golpe militar (1964). Sua prática foi considerada ameaçadora para o regime que se estruturava no país; o regime militar foi preso por 75 dias, o mesmo exilou-se no Chile. Durante os anos que passou fora divulgou com sucesso sua proposta educativa.

Com a lei da Anistia em 1979, teve o direito de voltar ao país de origem e integrou-se a vida acadêmica. Filiou-se ao partido dos trabalhadores, tornando-se secretário de educação do estado de São Paulo. A concepção de Freire sobre a temática educação é muito rica, interagindo numa integralidade natural, uma concepção filosófica, política, econômica e pedagógica que combine com os interesses das populações menos favorecidas. (FERREIRA DO VALE, 1989, p.35).

Existe uma condecoração de que a educação por si só não é milagrosa, pois depende de outros elementos conjuntos para promover uma transformação revolucionária na sociedade, especialmente, na qualidade de vida de seus partícipes. “Analfabetos ou não, os oprimidos, enquanto classe não superará sua situação de explorados a não ser com a transformação radical, revolucionária, da sociedade de classes em que se encontram explorados.” (FREIRE, 2003, p. 57).

A elaboração de uma educação para a liberdade é a primeira contribuição fundamental de Paulo Freire. O pedagogo entendia que a educação verdadeiramente libertadora promove o ser humano e busca a sua autonomia. “A conquista desta autonomia (do indivíduo e da sociedade) é um dos alvos da

educação. É o ponto de encontro político, pedagógico, social e filosófico”. (FERREIRA DO VALE, 1989).

Freire compreendia que a educação libertava o homem de seus laços aprisionadores, tornava-os senhores de si, seres críticos e não domináveis.

A educação libertadora não pode ser a que busca libertar os educandos de quadros-negros para oferecer-lhes projetores. Pelo contrário, é a que se propõe, como prática social, a contribuir para a libertação das classes dominadas (FREIRE, 2002, p.129).

Freire defendia que professor deve interagir com o educando, ensinando-o a “pensar certo”, a ser crítico com o que lê ou escreve. Acima de tudo, o educador deve ser curioso a ponto de renovar-se sempre, além de despertar a curiosidade em seus alunos, fazendo com que estes sintam vontade de aprender. Nesse contexto, Freire (2007) definia que a criticidade partia da curiosidade:

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão. (FREIRE, 2007, p.31).

Contudo, para Freire (2007), a curiosidade puramente dita, será encontrada tanto nos menos aculturados quanto nos mais letrados. A diferença se dá pelo fato dos primeiros possuírem uma curiosidade ingênua e associada ao “senso comum”. Já os cientistas carregam uma curiosidade epistemológica, ou seja, metodicamente rigorosa do objeto cognoscível.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 2007, p. 32).



Dessa forma, Freire desperta a consciência e os ideais do homem, em decorrência, sua criticidade. Assim, o objetivo maior de sua educação era o de conscientizar. Para confirmação Rossi (1982, p.92) afirma:

A educação em Paulo Freire tem sido associada à palavra “conscientização”, isto é, a um saber crítico do homem sobre sua própria vida e sobre o mundo em que ele vive, quer dizer, sobre todas as relações que fazem do homem o que ele é.

Nesse sentido a conscientização, é a capacidade humana de ver-se hábil para não só apreender a realidade, mas ultrapassá-la. O homem consciente valoriza sua integridade e dignidade, e vê-se propício a fazer a diferença na construção cultural, social e educacional da sociedade a qual pertence.

Outro aspecto relevante e marca distintiva do pensamento freireano, é a profunda convicção no poder e na importância da prática. Uma prática que não se confundiria com o simples ativismo, mas uma prática constantemente revista e avaliada pela reflexão, uma prática consciente orientada no sentido da transformação da realidade social e humana. “Da mesma maneira, o ser humano como ser prático, é capaz de agir em função de suas finalidades e refletir sobre as consequências, intencionais ou não, de sua ação transformadora”. (FERREIRA DO VALE, 1989, p.10).

O autor citado ainda descreve um ponto importante da filosofia de Paulo Freire:

[...] em Paulo Freire, não há dicotomia entre teoria e prática, há síntese do diverso: a teoria indica caminhos e serve como guia de ação, e a prática, num processo dialético, confirma, desmente ou apresenta elementos ao universo teórico num movimento de constante superação. Num processo dialético, a síntese do diverso significa todo avanço qualitativo que, partindo da prática a prática, retorna após o trabalho reflexivo da mente humana, sobre a prática antecedente. Uma educação verdadeira na perspectiva freireana é justamente aquela que se fundamenta “na unidade entre a teoria e a prática, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual e que, por isso, incentiva o educando a pensar certo [...]”. (FERREIRA DO VALE, 1989, p.42).

Assim, o autor destaca a relevância das reflexões pedagógicas, para que haja uma revolução na pedagogia, tornando-a crítica, aplicável e altamente inovadora, onde isso só será possível quando o educador fizer a relação da sua prática com a sua teoria.

No que diz respeito a leitura e a escrita em Freire, vale ressaltar que o mesmo foi um incentivador de programas para a educação popular de jovens e adultos, criando inclusive, um método de alfabetização próprio que leva seu nome. Rossi (1982, p. 88-89) revela que Paulo Freire:

Aproveitando suas experiências, desenvolveu seu próprio método para ensinar a ler e escrever à população culturalmente carente com a qual estava trabalhando. O Método Paulo Freire provou ser capaz de desenvolver as habilidades básicas para ler e escrever nos camponeses mais simples ou nos mais oprimidos habitantes das favelas, no prazo de apenas 45 dias. Os níveis de evasão, de insucesso e de perda posterior das habilidades adquiridas (regressão) foram significativamente mais baixos que os de qualquer outro método conhecido. E esses resultados têm sido, desde então, consistentemente repetidos nas mais diversas experiências, sob as mais diferentes condições, constituindo uma performance excepcional, uma espécie de recorde mundial em educação.

Dessa forma, o “Método de Paulo Freire” é mais humano, e zela pela liberdade do homem, da história, do trabalho, da cultura e da educação. É o método que busca a realidade daquele que será alfabetizado, não desprezando ou desfazendo dos saberes que estes já possuem.

Em se tratando da aplicação do método freireano, Brandão (1981) inicia a narração do que vivenciou mostrando que a primeira preocupação de Freire era a de se apresentar à comunidade e pedir a autorização de todos para introduzir seu trabalho de alfabetização. Assim:

Nas primeiras experiências, depois de a comunidade aceitar envolver-se com o trabalho de alfabetização, a tarefa que inicia a troca-que-ensina é uma pequena pesquisa. É um trabalho coletivo, co-participado, de construção do conhecimento da realidade local: o lugar imediato onde as pessoas vivem e irão ser alfabetizadas. Esta primeira etapa pedagógica da construção do método foi chamada por Paulo Freire de vários nomes semelhantes: “levantamento do universo vocabular” (em Educação como Prática da Liberdade), “descoberta do universo vocabular” (em Conscientização), “pesquisa do universo vocabular” (em Conscientização e Alfabetização), “investigação do universo temático” (em Pedagogia do Oprimido). De livro para livro algumas palavras mudaram, mas sempre permaneceu viva a mesma ideia: a ideia de que há um universo de fala da cultura da gente do lugar, que deve ser: investigado, pesquisado, levantado, descoberto. (BRANDÃO, 1981, p. 24-25).

Nesse contexto, a pesquisa se dá no campo vocabular a seguinte maneira; com caderno em mãos, olhos e ouvidos atentos. Para tanto, as pessoas do programa de educação misturavam-se com as da comunidade. Se for viável, inclusive, habitam o seu cotidiano. Neste processo não há questionários ou roteiros

predeterminados para a pesquisa, pois se houvesse eles seriam como uma cartilha, visto que, trariam pronto o ponto de vista dos pesquisadores.

Do primeiro contato com os educandos, eram captadas e anotadas do meio em que viviam e do universo vocabular algumas frases e palavras, provérbios, modos peculiares de dizer, de rimar ou de cantar o mundo e traduzir a vida. Por fim, eram guardadas e repassadas, mais tarde, ao grupo, no círculo de cultura, ou seja, com a turma.

A partir desta coleta de dados, nascem as “palavras geradoras” que deveriam possuir riqueza e densidade pragmática do sentido.

A melhor palavra geradora é aquela que reúne em si a maior porcentagem possível dos critérios sintático (possibilidade ou riqueza fonêmica, grau de dificuldade fonêmica complexa, de manipulabilidade dos conjuntos de sinais, as sílabas, etc.), semântico (maior ou menor intensidade do vínculo entre a palavra e o ser que designa, maior ou menor adequação entre palavra e ser designado, etc.), pragmático (maior ou menor teor de conscientização que a palavra traz em potencial, ou conjunto de reações socioculturais que a palavra gera na pessoa ou grupo que a utiliza)” (Fundamentação Teórica do Programa). (BRANDÃO, 1981, p. 31).

Na oportunidade, podemos observar que Paulo Freire primava por uma alfabetização extremamente significativa, afetiva e crítica, por meio do uso das “palavras geradoras”, uma vez que estas partiam da realidade de vida dos educandos. Eram-lhes caras representativas e quando discutidas no círculo de cultura, promoviam a reflexão social, bem como, a análise da estrutura gramatical da mesma.

Em síntese o Método Paulo Freire está estruturado em três etapas:

Etapa de Investigação: aluno e professor buscam, no universo vocabular do aluno e da sociedade onde ele vive, as palavras e temas centrais de sua biografia.

Etapa de Tematização: aqui eles codificam e decodificam esses temas, buscando o seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido.

Etapa de Problematização: aluno e professor buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica do mundo, partindo para a transformação do contexto vivido.

De acordo com Soares (2004, p. 121) “o Método Paulo Freire é algo muito além de um método de alfabetização é uma nova e original concepção de ensino inserida na política e filosofia da educação”.

Por fim, tem-se que as particularidades inerentes ao Método Paulo Freire, são resultado de um trabalho coletivo e dialogal, onde as atividades não são pré-formatadas. Há a todo o momento uma busca incessante em renovar e recriar a metodologia em sua estrutura. Nada é rígido ou imutável tudo está em constante construção e/ou reformulação.

## **2 LER E ESCREVER: IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE**

### **2.1 Concepções e práticas da leitura e escrita**

Na busca de uma explicação sobre a forma como o ser humano adquire e desenvolve conhecimento, inúmeros trabalhos de investigação têm-se realizado. Estes estudos foram atribuindo à leitura um grande potencial, com a capacidade de instigar o aperfeiçoamento do indivíduo.

Numa concepção ampla de leitura, Solé (1998, p. 22) ressalta que esta “é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura”. Entendemos que os professores precisam estabelecer os objetivos de leitura no momento de ensinar aos alunos a ler e compreender um texto, atribuindo-lhe ou construindo significados, já que o sentido que o autor propôs ao texto pode ser alterado pelo leitor de acordo com seus conhecimentos prévios e com o objetivo daquela leitura. De tal modo, mesmo que o aspecto conteudista do texto seja inalterado, é viável que dois leitores ativos extraíam informações distintas dentro de suas finalidades.

Smith (1989) foi um estudioso que se destacou em estudos sobre o tema e, dentro de suas colocações, ele apresenta o modelo de processamento psicolinguístico para a leitura. Segundo o autor, no momento da leitura a mente do leitor interage com o texto, favorecendo a esse receptor construir sentido perante o que leu. O processo de leitura ocorre através da predição, testagem e confirmação utilizada pelo leitor diante das pistas existentes no próprio texto; a partir de então, o leitor prediz o que será lido de acordo com a situação em que ocorre a leitura e constrói seu campo semântico. Nessa concepção, a leitura envolve as informações visuais e não visuais; dependem da quantidade de conhecimento prévio que o leitor dispõe, pois esses serão imprescindíveis na construção de sentidos; mas o leitor não pode se limitar a tais informações, pois há uma restrição para a quantidade de informações que captamos.

Kleiman (2004, p. 10), afirma “ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que reflete o grupo social em que se deu a nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados”. Essas palavras reforçam a leitura enquanto atividade interativa, que se concretiza através do confronto entre ideias e palavras do autor e a construção

de significação do leitor. Tudo isso em consonância com seus objetivos e os seus conhecimentos pré-estabelecidos.

Segundo Chiappini (1997), o texto jamais poderá ser entendido como um ato passivo, o autor sempre escreve pressupondo o outro, o leitor, quer seja ele empírico, real ou virtual. O texto só se complementa com o ato da leitura, na medida em que ele for atualizado e tiver sua significância para o leitor. Assim, por apresentar um aspecto interacionista, a leitura jamais pode ser considerada passiva, e é na sua prática que o texto passa a ser um meio de interlocução do leitor com o autor, estabelecendo um sentido dialógico, ou melhor, uma construção de entendimento entre ambas as instâncias.

Igualmente, Cosson (2014) apresenta algumas concepções de leitura, dentre elas a leitura como diálogo. Essa concepção tem como base teórica os postulados defendidos por Bakhtin (1922; 1997), que concebe o enunciado como indissociável da comunicação verbal, numa relação entre enunciados anteriores e posteriores; numa interação social. O autor aborda que o contexto é o elemento principal diante do que será assimilado pelo leitor, por isso podemos dizer que o processo de leitura não é o mesmo em todo lugar, este dependerá das formas de interação, sociabilidade e individualidade do leitor.

Levando em consideração as concepções de leitura discutida, muitas são suas implicações no ensino e na organização de atividades diárias de leitura cuja aprendizagem depende muitas vezes do estímulo da escola e dos professores que, ao ver os alunos como centro do processo ensino- aprendizagem, deve envolvê-los em projetos de leitura, sugerindo muitas atividades de contação de histórias textos a ser lidos em sala de aula como também em casa na perspectiva de promover debates.

Assim Lerner (2002) diz que é justamente por isso que:

Ensinar a ler e escrever é um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido estrito. O desafio que a escola enfrenta hoje é o de incorporar todos os alunos às culturas do escrito, é o de conseguir que todos os seus ex-alunos cheguem a ser membros plenos da comunidade de leitores e escritores (LERNER, 2002, P.17).

Para enobrecer as palavras da autora podemos dizer que a comunidade de leitores e escritores se estabelece quando um conjunto de indivíduos conseguir se comunicar, sempre que necessário, de forma evidente e organizada mediante

copiosos gêneros, nas mais diversas situações sociais tanto escrevendo com coerência, e de acordo com as normas da língua como lendo fluentemente e atribuindo sentido ao ensino de leitura, de forma que haja interação entre o próprio texto.

Pensar na escrita é pensar em um trabalho que requer do aluno bastante atenção, domínio sobre o que irá ser abordado, além de um conhecimento sobre coesão e coerência para que o texto torne-se de fácil compreensão. O ato de escrever é tão interativo quanto o de falar. Quando se vai produzir um texto é necessário “expelir” as ideias, intenções, sentimentos que queremos expor a alguém. Sobre isso, Antunes (2009, p.45) aduz:

As palavras são apenas a mediação, ou o material com que se faz, a ponte entre quem fala e quem escuta, entre quem escreve e quem lê. Como mediação, eles se limitam a possibilitar a expressão do que é sabido, do que é pensado, do que é sentido. Se faltam as ideias, se falta a informação, vão faltar as palavras.

Percebe-se que da mesma maneira que a fala, na escrita se faltam as palavras, não há comunicação, a interação fica impossível de acontecer. Por esse motivo é necessário que sempre busquemos ampliar nosso vocabulário, procurar conhecer palavras novas, uma boa prática para esse fim, é estabelecer um bom vínculo com a leitura, ela nos possibilita aprender e ampliar nosso vocabulário e conseqüentemente nossa gramática.

Um erro bastante comum nas escolas é como a produção textual é vista apenas no ângulo gramatical, deixando de lado outros pontos importantes a serem analisados nas produções de seus alunos, como por exemplo, a interpretação do mesmo, a compreensão desse aluno em relação à leitura, ou seja, comumente nos deparamos com professores que simplesmente usam dos textos apenas para corrigir os erros gramaticais ali encontrados, não atentando para o mais importante: o conteúdo. A esse respeito Antunes (2009, p.46) acrescenta:

O grande equívoco em torno da língua tem sido o de acreditar que, ensinando análise sintática, ensinando nomenclatura gramatical, conseguimos deixar os alunos suficientemente competentes para ler e escrever textos, conforme as diversificadas situações sócias.

Dessa forma, não bastará ter apenas o domínio sobre as regras gramaticais se faltam o principal: as ideias para colocá-las no papel. Faz-se

necessário que o professor busque trabalhar as diversas temáticas em sala de aula para despertar no aluno o desejo de escrever e expor o seu ponto de vista sobre determinado assunto ou então, utilizar de outros gêneros textuais, mas que os assuntos se aproximem mais da realidade do aluno.

Outro ponto importante a ser ressaltado, é a de que o aluno pode escrever o que o professor fala, anotando tudo o que achar que seja importante, mas vale ressaltar que, nem sempre será viável ao aluno fazer tais anotações, muitas vezes poderá perder o foco no que o professor falou, não conseguindo assim, captar todas as informações ditas pelo educador, como também transferi-la por completo para o papel. Para Saint-Onge (1999, p.96-97) as anotações tem uma única finalidade:

[...] uma única razão justifica a tarefa de tomar notas: dispor de informações utilizáveis numa produção prevista. Por conseguinte, as informações não podem ser um fim em si. Elas são um intermediário determinado pela natureza da produção a que servirão.

Corroborando, constatamos que todos os dados que são anotados pelo aluno durante a aula servirão para uma futura consulta. Caberá aos alunos saber administrar o conteúdo de suas anotações, ouvir, processar e conseguinte fazer uma breve anotação sobre o assunto, sempre dando prioridade aos pontos que achar de mais importância. Os alunos deveriam adquirir tal hábito, pois é um bom método para fixar melhor o conteúdo ministrado e conseqüentemente exercitar a prática da escrita.

Dessa maneira o trabalho escolar ajusta-se de forma abrangente: por um lado, as intervenções pedagógicas estão a serviço dessa aprendizagem; por outro devem, pela intervenção leitora, promover a comunidades leitoras. Isto é, ao mesmo tempo em que aprendem a ler, os alunos já devem ser estimulados a integrar essas comunidades, posicionando-se de forma crítica e ativa no mundo da leitura. Dessa maneira, é inegável a importância da intervenção pedagógica escolar no que se refere à leitura e conseqüentemente à escrita. É o que afirma Zilberman (2009, p.35)

[...] a proposta de que a leitura seja enfatizada na sala de aula significa o resgate de função primordial [...], buscando sobretudo a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção. Desse intercambio, respeitando-se o convívio individualizado que se estabelece entre o texto e o leitor, emerge a possibilidade de um conhecimento do real, ampliando os limites – até físicos, já que a escola se constrói como um espaço à parte – a que o ensino se submete.



Numa concepção socioconstrutivista de educação, o trabalho da escola com a leitura deve ser guiado por práticas muito próximas de contextos extraescolares. No contexto social, lê-se por muitos motivos e de diferentes maneiras. E para cada um desses desígnios temos que coordenar inúmeros procedimentos. Por exemplo, para fazer um bolo, não é preciso saber que ingredientes usar, mas é preciso antes ler o modo de fazer e assim sucessivamente. Ao definir leitura como prática de comunicação, Foucambert (2008) lembra que, embora essa não seja uma atribuição exclusiva da escola, deve ser objeto de suas ocupações sistemáticas:

O nível de leitura depende, no mínimo, tanto do papel que o sistema social entende dar leitura quanto das práticas pedagógicas propriamente ditas. É ilusório acreditar que técnicas novas podem modificar profundamente comportamentos, independentemente de transformações, trata-se de um combate a ser travado em longa frente de batalha. (FOUCAMBERT, 2008, p.21).

Em síntese, podemos observar que, dificuldades podem surgir por diversos motivos, como na proposta pedagógica, capacitação do professor, problemas familiares ou déficits cognitivos, entre outros.

Através da leitura, exercitamos nossa inteligência e nos integramos com o mundo, adquirindo novos conhecimentos, a leitura tem um lugar de destaque na vida das pessoas, ela nos dar o poder de conhecimento, a capacidade de associar ideias, planos, sintetizar assuntos, torna-nos mais críticos e renova nossa criatividade.

## **2.2 Ambientes promotores da aprendizagem da leitura**

Constatamos que alguns saberes são fundamentais para que o aluno construa seu aprendizado, e um deles é a prática da leitura que é indispensável para que o indivíduo se desenvolva. No entanto, um dos maiores problemas encontrados pelos alunos é sem dúvida a falta de interesse pela leitura, que é causada muitas vezes, pelo despreparo no ambiente escolar, o que acaba gerando uma desmotivação nos discentes, que na maioria das vezes, veem a leitura como obrigação, ou punição, e não percebem como a leitura engrandece de conhecimento o indivíduo, os torna capaz de interagir com o mundo de forma crítica.

Bellinger *apud* Kleiman (2004, p17) classifica a leitura como algo que transcende as palavras:

Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese de um imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). [...]. As palavras leem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer.

Kleiman (2004) em suas abordagens esclarece que ler não é apenas decodificar palavras, mas se abrir a um mundo de percepções, uma troca de experiências com o mundo imaginário, é transformar-se, em cada nova leitura.

Muitos discentes, infelizmente, só tem o contato com a leitura no ambiente escolar, e acabam vendo os textos somente no âmbito gramatical, onde se discute apenas as regras gramaticais. Para Kleiman (2004, p.17), o professor utiliza o texto para desenvolver uma série de atividades gramaticais, analisando, para isso, a língua enquanto conjunto de classes e funções gramaticais, frases e orações.

Essa visão só vem a prejudicar os alunos, dificultando para uma formação crítica perante a sociedade. O estudante acaba se “tornando” um recipiente vazio, onde toda e qualquer tipo de informação, lhe é despejado, sem nenhum “filtro”, fazendo-o com que não absorvam de forma clara e coerente os textos lidos em sala de aula. Sobre isso Kleiman (2004, p.18) ressalta:

[...] é a crença de que o texto é apenas um conjunto de palavras cujos significados devem ser extraídos um por um, para assim cumulativamente, chegar à mensagem do texto. Baseia-se essa hipótese, por um lado, na crença já mencionada de que o texto é um depósito de informações e, por outro, na crença, na crença de que o papel do leitor consiste em apenas extrair essas informações, através do domínio das palavras que, nessa visão, são o veículo das informações.

Dessa forma, tal concepção de texto torna o aluno um indivíduo passivo, incapaz de interagir, extrair conhecimentos e ampliar seu vocabulário. Assim, o texto deve ser instrumento de interação entre os indivíduos, pois cada leitor faz diferentes interpretações sobre o mesmo discurso.

### **2.3 Ambientes promotores da aprendizagem da escrita**

Muitos professores ainda defendem que ensinar a língua portuguesa é somente dominar todas as regras gramaticais, porém, vai muito além disto. Na contemporaneidade faz-se necessário que o docente, além do ensino da gramática

convencional, explore também, textos diversos, para que os alunos possam interpretá-los de forma coerente.

Estamos acostumados a ver os alunos incapazes de fazer uma simples explicação sobre algum determinado texto que tenha acabado de ler em sala de aula. Por esse motivo, torna-se importante o incentivo dos professores aos alunos buscarem ler mais, e assim, aprimorar seu senso crítico, sem “afetar” de alguma forma a aquisição ideológica e o senso comum desse discente.

Ainda é perceptível que aos poucos, os docentes estão modificando sua metodologia de ensino, inserindo textos de diversas temáticas às suas aulas, incentivando assim, os educandos, a buscarem por gêneros textuais que mais se identifiquem, e assim colabora para a formação de bons leitores.

A metodologia tradicional usada pelos docentes vem a cada dia modificando-se aos poucos, sem muita pressa, pois ambos, professor/aluno, devem adaptar-se as novas abordagens. Toda essa mudança foi conquistada através de muita determinação e luta de diversos educadores, que visam aprimorar e facilitar para seus alunos, a inserção no mundo das letras, esses educadores buscam uma prática educacional que consiga mesclar a gramática normativa juntamente com a linguística, ciência que vem crescendo a cada dia e tornando-se difundida nas salas de aulas. A esse respeito Bagno (2002, p.11), acrescenta:

O ensino de língua no Brasil neste início do século XXI se encontra numa nítida fase de transição. A maioria dos professores que estão se formando agora já tem consciência de que não é mais possível simplesmente dar as costas a todas as contribuições da ciência linguística moderna e continuar a ensinar de acordo com preceitos e preconceitos da gramática tradicional. Por outro lado [...], ainda não sabem de que modo concretizar essa consciência em prática de sala de aula.

Com isso, percebemos que a variedade linguística está inserida em nossa língua e seria bastante injusto deixá-la de lado. É necessário que se aplique a norma culta em sala de aula, contudo, sem menosprezar as variáveis linguísticas existentes, pois as mesmas estão inseridas em nosso cotidiano, sendo usada em nosso convívio social e cultural, desse modo, é importante destacar que o professor deve atentar a esses fatores para que de fato possa aplicar de forma coerente e de maneira efetiva os conteúdos curriculares que lhes são propostos, visando também,

o bem estar dos alunos, para que os mesmos possam sentir-se à vontade em sala de aula sem ser motivo de preconceito por seu jeito de falar.

Os professores contam com o auxílio dos PCN's (Parâmetros curriculares nacionais), que servem como suporte para um bom desenvolvimento da prática pedagógica numa sala de aula. Várias disciplinas e temas são contemplados. Sobre a Língua Portuguesa ressalta-se:

A questão fundamental para o ensino de Língua Portuguesa na etapa final da escolaridade básica desloca-se, portanto, dos conteúdos a serem abordados e preocupa-se com a relação que esses conhecimentos travam com a aquisição de competências e habilidades. (BRASIL, 1999, p.59).

Dessa forma, o mais importante, é saber quando pode-se usar a norma culta e a coloquial nos diversos contextos, seja na escrita ou na oralidade, e quanto a isso caberá ao professor orientá-los.

### **3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS**

Tão importante quanto o que se ensina e se aprende é como se ensina e como se aprende.

Cesar Cool

#### **3.1 Caracterização da Escola Campo de pesquisa**

A E.E.E.M.I Obdúlia Dantas, localizada na Av. Venâncio Neiva, s/n, Centro, Catolé do Rocha – PB oferece o ensino Médio e o ensino Inovador, funcionando nos turnos diurno e noturno, como também oferta a Educação para Jovens e Adultos (EJA) no período da noite. A E. E. E. M.I Obdúlia Dantas no período da realização da pesquisa funcionava temporariamente em um prédio de outra escola (E.E.F.M. João Suassuna), também localizada na cidade de Catolé do Rocha – PB. Devido a um desabamento do galpão no prédio da escola Obdúlia Dantas, o mesmo passava por reformas, não havendo assim, a possibilidade de ser ocupada por seus alunos, e funcionários. O prédio que “acolhia” os alunos e funcionários da escola desativada disponibilizou dois blocos cada um com seis salas para que pudesse ser concluído o ano letivo, ou até quando durarem a reconstrução, onde está prevista para o ano de 2016.

Todas as salas são ladeadas por corredores estreitos, onde cada corredor abrange seis salas de aulas. As salas têm janelas de ambos os lados sendo assim bastante arejada, há também um ventilador de parede giratório. As salas não são muito espaçosas, devido também a um acúmulo desnecessário de carteiras vazias. Foi improvisada uma sala de aula para a direção escolar, onde a mesma contava com uma mesa, carteiras para cada professor, armários, um birô e cadeira para o diretor, sendo essa sala dividida por um armário onde, acomodava vários livros, ficando sem muito espaço para locomoção dos professores, disponibilizava um notebook para todos, livros acumulados, tanto nas carteiras quanto nos armários, dentro e em cima dos mesmos.

A escola disponibiliza um refeitório amplo coberto, cozinha, e banheiros – feminino e masculino- com quatro divisórias cada, uma quadra de esporte também coberta que fica de frente ao último bloco de salas, onde muitas vezes as aulas de educação física eram realizadas durante o horário da aula teórica, o que acabava

desconcentrando os alunos nas salas. A entrada de acesso aos blocos cedidos se dava através de um portão grande que anteriormente servia de entrada para carros.

A escola fica em frente à praça principal da cidade, muitas vezes, principalmente às sextas-feiras a noite há barulho excessivo de som ligado, ocorrendo à desconcentração dos alunos e também a evasão da sala de aula.

### 3.1.1 Aspectos sóciohistóricos e físico-materiais

No ano de 1967, Catolé do Rocha, implanta, no governo de João Agripino, a instituição, que visa oferecer um ensino Médio a todos os jovens da cidade e da região, tido como referência de ensino, oportunizando esses jovens a concluírem o ensino médio, sem precisar sair de sua cidade.

A Escola E. E. M.I. Obdúlia Dantas tem grande contribuição no quesito educacional na Cidade de Catolé do Rocha-PB, como, também para toda região, uma Escola que oferece o Ensino Médio e o Ensino Inovador. Apresenta em seu currículo, novos componentes curriculares, além de oficinas, voltadas para todos os tipos de ensino, engrandecendo assim a aprendizagem do seu corpo discente, oportunizando os jovens tanto da zona urbana quanto da zona rural a concluírem seus estudos.

No quadro de funcionário atual, a gestão conta com três diretores, Prof. José Clementino, Prof. João Ribeiro e o Prof. Laércio de Araújo, cada um atuando em um turno específico, como também em conjunto, para uma melhor administração da escola. Encontram-se também inseridos na equipe de funcionários, os professores, os gestores, e toda a equipe de apoio, desde o pessoal de serviços gerais, até as cozinheiras, contabilizando atualmente de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) 61 funcionários ao todo, compostos por: 1 Diretor geral, 2 vices- diretores, 9 auxiliares de serviços gerais, 31 docentes, 2 apoio a informática, 1 bibliotecário, 3 auxiliares de secretária, 2 merendeiras, 1 secretária escolar, 2 inspetores, 2 supervisor e 2 vigilantes. No total, instituição conta atualmente com o número de 748 alunos. Em relação ao material de apoio disponível, a instituição conta com: 1 Data show, 1 notebook, um aparelho de DVD, um aparelho de TV, uma caixa amplificadora, 1 impressora, armários individuais para os professores.

### 3.1.2 Organização e funcionamento institucional

Seguindo o Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino, a E.E.E.M.I. Obdúlia Dantas constitui-se de um processo democrático deliberativo, dessa forma visa eliminar toda e qualquer questão competitiva entre o quadro de funcionários da escola. É usada de forma livre a participação e colaboração de todos os que fazem parte da instituição, não havendo assim impasses, que possam vir a prejudicar o desenvolvimento das atividades planejadas.

A organização propicia um trabalho pedagógico relevante, voltado para o interesse da sociedade, bem como para eliminar a visão de que a escola é simplesmente uma “repetidora” de ideias, quando visa e oportuniza a capacitação continuada dos seus profissionais, com isso, aprimora-se o ensino e a forma de como os professores irão repassar seus conhecimentos aos alunos, buscando uma prática inovadora e dinâmica, contribuindo para um maior interesse e aprendizado desses alunos.

A escola passa a ter um papel transformador quanto a aplicação de práticas inovadoras e democráticas, tanto no quadro de funcionários quanto no quadro de discentes incentivados e orientados a tornarem-se cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

### 3.1.3 Planejamento e avaliação escolar no PPP

O planejamento e a avaliação escolar servem para acompanhar a atuação do Projeto Político Pedagógico nessa instituição pesquisada, sendo assim, é indispensável, sendo um projeto sucessivo, no qual conta com a colaboração de todos numa apreciação ordenada, tudo isso se dá, pelo fato de um acompanhamento ativo, o qual busca-se resultados positivos para a escola. Esse resultado de acompanhamento também é uma espécie de posicionamento mediante as discussões propostas, em que todos participam e contribuem com propostas e incentivos, essas propostas são analisadas, avaliadas, discutidas as ideias e posto em prática, buscando o aprimoramento do desenvolvimento da escola e das suas práticas pedagógicas.

### 3. 2 O professor colaborador

Este tópico destina-se à análise das respostas dadas pelo professor-colaborador às perguntas do questionário. Baseando-se nas respostas, dissertamos quantitativamente um demonstrativo a respeito das práticas de leitura e escrita existentes na EJA da E. E. E.I. Médio Obdúlia Dantas. Desse modo, expormos quantitativamente um demonstrativo a respeito da aprendizagem da leitura e da escrita na EJA, na intenção de atender ao seguinte objetivo de pesquisa: analisar os fatores que dificultam a leitura e a escrita na EJA.

**TABELA 1 - DADOS DO DOCENTE**

SEXO	<b>MASCULINO</b>
IDADE	<b>DE 35 A 45 ANOS</b>
FORMAÇÃO SUPERIOR	<b>LICENCIATURA PLENA EM LETRAS</b>
PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS	<b>SEMINÁRIOS</b>
TEMPO DE EXPERIÊNCIA NO MAGISTÉRIO	<b>MAIS DE 10 ANOS</b>
INSTITUIÇÕES ATUANTES	<b>PÚBLICA ESTADUAL</b>
TURNO O QUAL LECIONA	<b>NOTURNO</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Conforme a tabela 1, que expõe a questão de número 1, o professor colaborador afirma ter mais de dez anos de experiência no magistério e possui bastante tempo de atuação profissional em escolas públicas estaduais, o mesmo afirma que está lutando por uma educação mais significativa para o aluno.

Esse fato revela que o docente vivenciou diversas mudanças ocorridas na educação devido às políticas públicas para a educação básica, no decorrer desses dez anos, acompanhando em sala de aula as transformações geradas ao longo dos anos.

Assim, Freire (2013, p.24), sobre a prática pedagógica, afirma: “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a



teoria pode ir virando “blá-blá-blá” e a prática, ativismo”, isto é, não adianta apenas reconhecer que precisa mudar, e sim tornar esse discurso uma realidade.

Portanto, torna-se importante enfatizar que mesmo com uma grande experiência profissional, há sempre a necessidade que o professor sente em procurar meios para alcançar as mudanças que surgem diariamente na sociedade, norteando-se em grandes pensadores que ressaltam a necessidade de mudança em sua prática como educador.

**Na questão de número dois** sobre o processo de aquisição da leitura e escrita perguntou-se: Como está sendo feito o processo de aquisição da leitura e da escrita de seus alunos (as)? Sobre isso, o professor colaborador respondeu:

Procuro ser um facilitador nesse processo. Para isso, tento motivá-los constantemente para importância do ato de ler. Pois, para mim, ler sempre e muito parece ser a melhor forma de se apropriar da leitura e consequentemente da escrita. (PC)

Conforme resposta dada pelo docente infere-se, que o professor procura motivar os seus alunos, despertando o interesse no ato de ler de forma prazerosa, promovendo atividades que despertem a curiosidade do educando e do próprio alfabetizador, que então juntos embarcam nessa aventura, cujo objetivo é a leitura e a escrita. Permitindo ainda, que os resultados sejam previstos, mas não acabados, porque a aprendizagem acontece na prática, com a participação de todos os envolvidos neste projeto, fazendo com que as aulas tornem-se estimulantes, despertando a curiosidade que direciona a aprendizagem. A esse respeito Freire (2003, p. 86) ressalta:

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é um desafio e não uma “cantiga de ninar”. [...] É preciso que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer.

Evidencia-se ainda, que o professor não está isento do processo de mudança que acontece dentro ou fora da sala de aula, durante todo o processo de ensino-aprendizagem. Embora as classes do Ensino Fundamental, nesse caso EJA, tenham o mesmo objetivo, ensinar e/ou desenvolver nos alunos a habilidade de ler e escrever.

**Na questão número três**, procura-se saber: Que atividades de leitura e escrita você desenvolve com seus alunos? Assim, o professor colaborador aduz:

No trabalho com a leitura e a escrita, procuro desenvolver atividades diversificadas como: leitura individual, coletiva, compartilhada, leitura e interpretação de textos de diversos gêneros, produção de textos, ditado de palavras. Destaco o gênero Leitura, o qual estou dando maior ênfase.

Sabe-se que a leitura deve ser vista como uma atividade que desenvolva no aluno a familiaridade com textos diversificados, numa quantidade tal que o faça gostar de ler e de perceber a importância da leitura para sua vida pessoal e social, transformando-a num hábito capaz de satisfazer esse gosto e essa necessidade.

Por isso, concorda-se com o professor colaborador quando o mesmo ressalta que torna-se fundamental o docente organizar situações de linguagens informais e coloquiais dos alunos, de forma estruturada e formal, para que possa aprender a utilizá-la adequadamente.

A leitura é uma experiência pessoal ao qual não depende somente da decodificação de símbolos gráficos, mas de todo o contexto ligado a história de vida de cada indivíduo para este possa relacionar seus conceitos prévios com o conteúdo do texto, e desta forma construir o sentido. (POSSEBOM, 2008, p.03).

Dessa forma, trabalhar com a variedade textual promoverá no educando uma identificação com a leitura, partindo da experiência pessoal de cada um, para o universo dos leitores. O educador precisa utilizar estratégias para melhorar e enriquecer o trabalho pedagógico favorecendo uma participação efetivas de todos. Lendo a criança desenvolve todo o potencial crítico: pensar, duvidar, questionar. Para comunicar-se adequadamente o ser humano precisa da leitura e escrita para poder transformar-se em um indivíduo sensato em relação ao mundo.

**A questão de número quatro indaga:** Você utiliza diferentes gêneros textuais em sala de aula: sim ou não. Se sua resposta for afirmativa, quais gêneros? Assim, a resposta do docente foi: “Sim, utilizo memória, entrevista, cordel, fábula, poema, poesia, conto, notícia, texto científico, depoimentos e músicas”.

Isto posto, concorda-se com o professor, haja vista tornar-se importante que se valorize os diferentes gêneros textuais, não padronizando apenas um tipo de texto com o objetivo de uma leitura que consiste tão somente no ato de decodificar as letras da palavra escrita.

Um compromisso a ser assumido pela escola é o de possibilitar ao aluno a aprendizagem da leitura dos diferentes textos que circulam socialmente. A leitura de jornais, revistas, livros e o contato com o texto, cinema e música alargam os limites da mente e dos possíveis leitores de um mesmo objeto. Aplicar esses limites pode contribuir (embora não garanta) para que a capacidade da escrita também se desenvolva (ortográfica, morfológica e sintaxe) e no conteúdo (ideias de argumentação). (CAFIERO, 2010, p.88).

Fazendo uso de diferentes tipos de textos os alunos terão a oportunidade de viajar por diferentes horizontes, conhecer a importância de cada gênero, e suas diferentes funções.

**A questão de número 5 tem o seguinte questionamento:** Os alunos dessa turma apresentam alguma dificuldade de aprendizagem? Qual tipo de dificuldade? O professor colaborador respondeu: “Sim. Alguns apresentam dificuldades em leitura e produção de textos”.

A relação de ensino e aprendizagem é de ordem ampla e complexa, haja vista, sofrer a interferência de diversos fatores em sala de aula, sejam eles de ordem social, político, econômico, devido a instituição escolar não ser independente. Para tanto, enfatiza-se que aprendizagem da leitura da escrita é um fator que envolve vários sistemas e habilidades, dessa forma não se podem esperar, um único e determinado fator como responsável pela dificuldade para aprender.

O processo de aprendizagem traduz a maneira como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento. Trata-se de um processo complexo que, dificilmente, pode ser explicado apenas através de recortes do todo (ALVES, 2007, p. 18).

Contudo, é comum encontrar crianças, jovens e adultos com dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita. Visto que, influências internas e externas provocam reações inevitáveis que contribuem de forma positiva e/ou negativa no desenvolvimento da aprendizagem. Tornando-se necessário, que o professor planeje as aulas partindo do interesse dos seus alunos. Sendo assim, ele conseguirá manter a turma em um nível de motivação equilibrado, pois sabe-se que a motivação é interna, mas o professor participa como agente ativador, diagnosticando, analisando e agindo diante das deficiências apresentadas pelo aluno. Sobre isso, Barbosa (2006, p.236) comenta:

Quando encontramos na escola um aprendiz com dificuldades para aprender precisamos, além de conhecer o sintoma, ou seja, a dificuldade apresentada, observá-la e entender como ela acontece naquele momento, o papel do contexto no seu aparecimento e, também, estudar a gênese da dificuldade através da história do aprendiz.

Em alguns momentos, apesar do professor perceber que o sujeito não está aprendendo da forma como foi ensinada, o mesmo permanece com a mesma metodologia o ano inteiro, tendo como resultado o fracasso do aluno. No entanto, percebe-se, que o professor que tenta melhorar as aulas com novidades, que encantam e atraem os educandos, faz com que cada um deles, inclusive o próprio professor, mergulhe intensamente no mundo da leitura e escrita, passando emoção e prazer na realização do processo de ensino-aprendizagem.

**Na questão de número 6, tem-se a pergunta:** Na sua opinião, que problemas podem acarretar dificuldades de aprendizagem dos educandos? Obteve-se, portanto, a seguinte resposta do professor colaborador:

São inúmeros problemas que acarretam as dificuldades de aprendizagem no Ensino fundamental, dentre eles cito: alunos não alfabetizados no ciclo de alfabetização, o que causa a distorção idade /série, e, a falta de acompanhamento dos pais/responsáveis, desinteresse, dificuldades econômicas (assim o aluno precisa trabalhar para ajudar financeiramente).

Concorda-se com o professor, e, infere-se que o ciclo de alfabetização, constitui-se, como um espaço de inúmeras possibilidades para que todo sujeito em processo de alfabetização possa construir conhecimentos diversificados e multifacetados de forma contínua.

Piletti e Rossato (2013, p.80), discutindo sobre a aprendizagem, escrevem:

A aprendizagem deve ser avaliada de acordo com as competências próprias de cada estágio de desenvolvimento, pois os mesmos revelam características que possibilitem o aprendizado dos alunos e ainda uma explicação dos mecanismos e dos processos que interferem na aquisição de conhecimentos novos. Nesse aspecto, é importante que o educador conheça o nível cognitivo dos seus alunos e suas propriedades, seu processo, antes de realizar suas atividades educativas. A educação escolar pode, portanto, estimular e favorecer a construção das estruturas em desenvolvimento, relativas ao período em que o indivíduo se encontra em sua escolarização, para que haja progressos rumo aos sucessivos estágios.

O currículo da educação básica configura-se como um produto histórico-cultural, norteador das práticas de ensino da leitura e da escrita, refletindo as relações pedagógicas da organização escolar. Constituindo-se como instrumento de

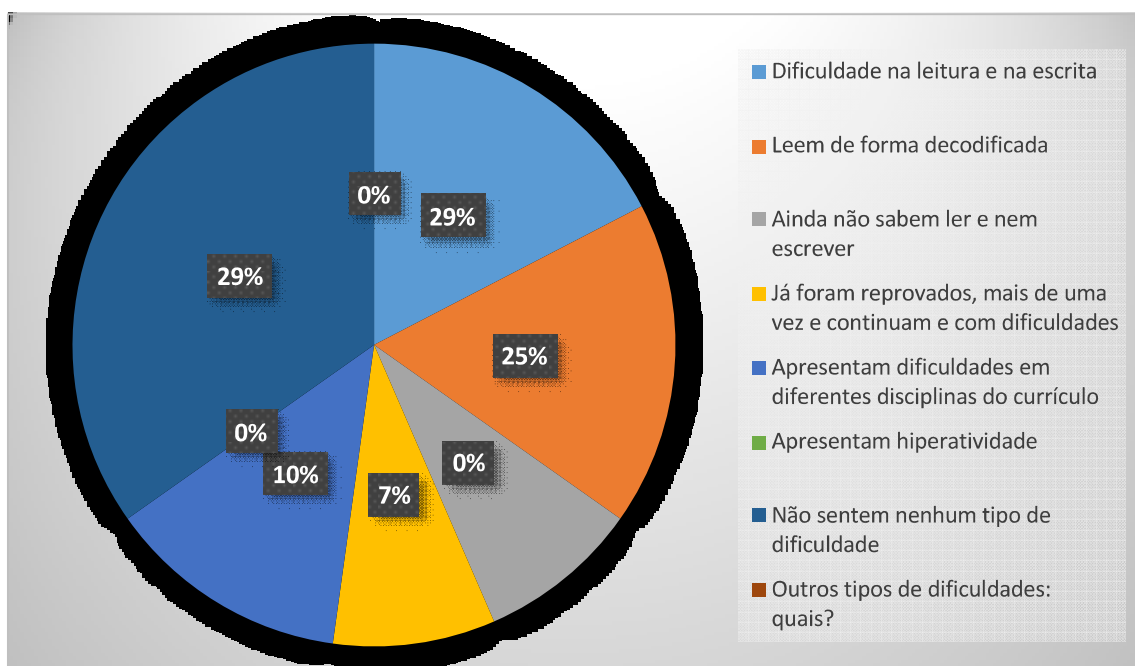
confronto de saberes, ou seja, como um conjunto de experiências, conteúdo, disciplinas, vivências e atividades na escola que visam a construção de identidade e de subjetividades, sem desconsiderar o “currículo oculto” no ambiente escolar.

De fato, e de acordo com Alves-Pinto (1995, p.113), “na sociedade atual, a escola ocupa um lugar de privilégio no processo de socialização de jovens. Na verdade, a escola é o lugar que a sociedade organiza, de forma explícita para levar a cabo a socialização das novas gerações”.

[...] Socialização essa que não se reporta apenas aos jovens, mas também aos adultos que têm que ver com todo o processo educativo, nomeadamente os pais a quem a escola exige também “um verdadeiro processo de socialização relativamente aos seus papéis e à sua intervenção no processo educativo escolar dos seus filhos.” (ALVES-PINTO, 1995, p.114).

Participar da vida do educando vai além do acompanhamento das atividades escolares apenas no ambiente doméstico, inclui também a sua vivência no ambiente escolar e como a família se relaciona com a escola que escolheram para os seus filhos.

### GRÁFICO 1: DIFICULDADES DOS ALUNOS DA EJA NA ASSIMILAÇÃO DO CONTEÚDO



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Observando o gráfico 1, referente a **questão de número sete**, ao qual indaga: Na sua turma, quantos alunos apresentam dificuldades de assimilar os conteúdos? Percebe-se que a maioria dos alunos, de 28 alunos o que representa 100%, 29% (08 alunos) não sentem nenhum tipo de dificuldade. Para tanto, 29% (08) alunos apresentam dificuldade na leitura e na escrita, mais 25% (7) alunos leem de forma decodificada e 10% (03) dos alunos apresentam dificuldades em diferentes disciplinas do currículo, 7% (02) alunos já foram reprovados, mais de uma vez e continuam com dificuldades.

Sobre isso, ressalta-se que os problemas que estão relacionados às dificuldades de aprendizagem dos discentes, apresentam-se como uma situação preocupante para o docente que leciona na EJA- 1º ano médio. De acordo com Antunes (1997) pode-se perceber essas dificuldades nos estudantes que não possui um bom rendimento escolar em uma ou mais disciplinas curriculares, demonstrando problemas na: compreensão da leitura, expressão oral, compreensão oral, expressão escrita com ortografia apropriada, desenvoltura básica de leitura, cálculo matemático, dentre outros. Garcia (1998, p. 31-32) afirma:

Dificuldade de Aprendizagem (D.A.) é um problema que está relacionado a uma série de fatores e podem se manifestar de diversas formas como: transtornos, dificuldades significativas na compreensão e uso da escuta, na forma de falar, ler, escrever, raciocinar e desenvolver habilidades matemáticas. Esses transtornos são inerentes ao indivíduo, podendo ser resultantes da disfunção do sistema nervoso central, e podem acontecer ao longo do período vital. Podem estar também associados a essas dificuldades de aprendizagem, problemas relacionados as condutas do indivíduo, percepção social e interação social, mas não estabelecem, por si próprias, um problema de aprendizagem.

De acordo com Cagliari (1989), para que haja aprendizagem é preciso que indivíduos percebam, compreendam, analisem, estoquem as informações, elaborarem e expressem sentimentos e ideias sobre os objetos, pessoas e situações, frutos de contínuas interações.

**Na questão oito**, ao perguntar: Em relação as dificuldades dos alunos em assimilar os conteúdos, a quem você atribui esse problema? O professor afirma: “Ao desinteresse por parte dos alunos e algumas falhas na metodologia desenvolvida”.

Diante dos resultados apresentados, deve-se reportar a algumas teorias da aprendizagem, e para acrescentar à questão citada acima, destaca-se a teoria de Skinner, mencionada por Piletti & Rossato (2013, p.24), onde escrevem:

[...] de nada vale elucidar e associar as dificuldades dos alunos, por exemplo, ao desinteresse, à sua desmotivação, pois estas não nos proporcionam o aprendizado sobre o modo como eles aprendem, revelam apenas quem está “interessado” em aprender. Assim, há nesse caso a necessidade de mudanças nas condições ambientais[...]

Desse modo, deve-se analisar o comportamento do aluno a fim de verificar suas necessidades de aprendizagem, bem como o repertório (de comportamentos, aprendizagens) que ele traz para as situações de ensino e ainda as consequências capazes de interagir com ele e manter seu comportamento e, assim, estabelecer quais são os estímulos capazes de reforçar o comportamento desejável de seus alunos. O professor teria como tarefa descrever o repertório de seus alunos e, com isso, planejar o que seria necessário para que estes atinjam o que eles alcancem. Aumentam as chances de esse professor obter sucesso se poder observar seus alunos em outros ambientes, como fora da sala de aula, nas brincadeiras, na rua, buscando compreender os esquemas de reforçamento presentes. Tarefa essa que não é nada fácil, pela necessidade e inviabilidade de organizar um experimento com todo o seu rigor científico; o que de modo algum exclui das escolas a presença do behaviorismo em seu cotidiano.

De acordo com o pensamento de Skinner citado pelos autores mencionados acima, é necessário adotar a técnica do reforçamento, ou seja, é preciso que o professor desenvolva práticas que desperte o interesse do aluno, mesmo que ele, na EJA, tenha dificuldades em sua estrutura familiar. Desenvolver estratégias e reforçadores positivos permite, portanto, que o aluno aprenda e aplique esses conhecimentos em seu cotidiano.

**Ao questionar o item de número nove**, sobre: quais fatores sociais podem ser atribuídos às dificuldades de aprendizagem em relação a leitura e a escrita? O professor pesquisado enfatiza: “Carências afetivas, relações interfamiliares e métodos inadequados”.

Diante da justificativa, entende-se e concorda-se com o docente. Haja vista, do ponto de vista educacional, entende-se que a escola não consegue caminhar sozinha, sem a ajuda da família. É necessário haver um acompanhamento para que a obtenção dos resultados seja mais satisfatória, no entanto, uma vez que é responsabilidade da escola e do professor, garantir a aprendizagem do aluno, mesmo sem a ajuda da família, o professor, juntamente com a equipe pedagógica se encarregará de promover as mais diversas e possíveis estratégias para ajudar o aluno no desempenho de sua aprendizagem.

Desse modo, Piletti e Rossato (2013, p.28), em consonância com a teoria behaviorista, argumentam:

Para que o professor possa realizar-se, é preciso, então, que no processo de ensinar ele dê conta de organizar as contingências de reforços essenciais para o alcance das respostas desejadas em relação ao aprendizado escolar. Quanto maior for a capacidade e eficiência dos professores, possivelmente mais fortes serão a apropriação e o desenvolvimento da cultura.

O que é relevante não é saber se o educador conseguiu ministrar a aula, mas se a aula dada faz com que seu discente aprenda, assim, muitas vezes se faz necessário que o professor prepare aulas dinamizadas e que acima de tudo, consiga envolver os alunos no que se está ensinando, de forma que ele consiga aplicar ao seu cotidiano o que aprendeu.

**Para análise da questão dez** perguntou-se: Que metodologias você utiliza para facilitar o processo de ensino e aprendizagem e superar as dificuldades de assimilação dos conteúdos por parte dos alunos da EJA? Sobre isso, obteve-se como respostas:

Procuro sempre fazer rodas de conversas, utilizo exemplos de acordo com a realidade e sempre retomo a aula anterior, direcionando através do diálogo, o que permite um esclarecimento mais amplo dos temas estudados sempre se baseando no conhecimento de mundo do aluno. Busco, também, um diálogo maior com eles, atividades diferenciadas que visem a interação destes alunos e não o simples fato de avaliar por nota; Realizando atividades, as vezes me faço de fácil para que o aluno aprenda, sento ao lado deles, estímulo quando realiza uma atividade, faço ele perceber que pode contar com trabalhos e atividades de pesquisas (PC).

Infere-se com base nos resultados da resposta, que são positivas as ações do professor, indicando estar sempre buscando meios e técnicas que se tornem eficazes na aprendizagem dos educandos. Pois, o professor educador precisa ser ousado para conseguir obter resultados na ministração de suas aulas, do contrário, ele ficará parado no tempo, daí a grande problemática em relação a defasagem na aprendizagem.

O professor precisa, ainda, ser curioso, não se satisfazer em apenas repassar os conteúdos, mas fazer com que os educandos façam parte e compartilhe desse conhecimento. Ao encontrar um desafio, não desanimar, mas procurar solucioná-lo, através de alternativas que muitas vezes estão tão perto e acessíveis.

Piletti e Rossato (2013, p.72), complementam o pensamento de Piaget escrevendo:



No processo de desenvolvimento, a inteligência e a afetividade caminham juntas e toda nova capacidade intelectual e afetiva começa por uma assimilação egocêntrica do mundo exterior (numa centralização do pensamento sob o ponto de vista próprio), para num momento posterior atingir o equilíbrio com a acomodação ao real.

É desse equilíbrio que cada aluno precisa alcançar, e para se chegar a ele é necessário haver por parte principalmente do docente essa vontade de buscar sempre meios e estratégias que consigam incluir todos os discentes sem distinção no processo de desenvolvimento da aprendizagem.

Dando continuidade à análise, segue-se refletindo as respostas às questões abertas. **A questão de número onze** questiona: Com relação as dificuldades da leitura e da escrita, o que você acha que pode ser feito para melhorar o desempenho dos alunos no processo de ensino- aprendizagem?

A resposta: “O primeiro passo é rever nossa metodologia, rever formas de despertar a atenção dos alunos e a participação da família”. Isso, aponta que o professor colaborador busca sempre alternativas para sanar as dificuldades de aprendizagem dos alunos. E, é importante haver esse pensamento entre os professores, pois facilitará a aprendizagem daqueles alunos que por motivos diversos têm deficiências na aprendizagem. Podemos aqui nos remeter a Freire (2013, p.92) quando escreve:

No fundo, o essencial nas relações entre educador e educandos, entre autoridade e liberdades, entre pais, filhos e filhas é a reivindicação de ser humano no aprendizado de sua autonomia. Me movo como educador porque primeiro, me movo como gente.

Contudo, Freire expressa que é importante entender que o educador precisa cultivar sempre sua relação com seus alunos e os alunos também sentem a necessidade de serem respeitados por seus professores, é preciso ser não só um transmissor de conhecimentos, mas um sensibilizado na construção da aprendizagem.

Independente da série (ano) que o discente esteja cursando, é necessário que o professor os estimule sempre, pois eles irão amadurecendo intelectualmente aos poucos. Assim, ao perceber que determinado educando está com dificuldade em sua aprendizagem, cabe ao professor buscar estratégias que alcance a necessidade deste aluno, para que ele se sinta incluído no processo de ensino, juntamente com toda turma, bem como com a ajuda dos familiares de cada estudante.

**TABELA 2: ATIVIDADES REALIZADAS PARA FAVORECER A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA**

Qual (is) da (s) atividade (s) você realiza para favorecer a aprendizagem do aluno no aspecto da leitura e escrita?	1 - Não gosto	2-Gosto pouco	3-Gosto muito
Contar história dramatizando.		X	
Levar os alunos ao laboratório de informática, com o objetivo de utilizar os recursos tecnológicos em favor do letramento digital.			X
Trabalhar com textos poéticos,			X
Atividades voltadas para aquisição do sistema convencional da escrita.		X	
Atividades de interpretação oral e escrita.			X
Momento de leitura.			X
Exploração da gramática.		X	
Utilização do quadro para os alunos copiarem.		X	
Utilização do livro didático.		X	
Acolhida com muita afetividade.			X

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Com base nas respostas presentes na **tabela 2**, que faz referência **questão doze**: Qual (is) da (s) atividade (s) você realiza para favorecer a aprendizagem do aluno no aspecto da leitura e escrita?

Pode-se perceber que no enfoque do professor, a dinamização das aulas, a diversidade textual, a utilização de tecnologias, torna-se primordial, pois, através delas constroem-se conhecimentos e, assim, a promoção da aprendizagem.

Feltrim (2004, P.20), escreve sobre o professor/educador, que busca sempre novas alternativas para o melhor desempenho da aprendizagem deixando marcas positivas na vida dos educandos:

No professor/educador pode-se ver a imagem de um semeador: o semeador de alguns anos atrás que, enchendo as mãos de grãos, lançava muitas sementes em terrenos os mais diversos, terrenos que encontrava “incultivados” e mal conseguia, sem ferramentas, prepará-los para o plantio. Se quisesse colher os frutos das sementes lançadas, devia suar, carpir, limpar sempre, até o fim, até a colheita. O cultivo, sempre lento, deve ser constante. Espinho no caminho? Há-os em cada espaço de tempo e terreno. Pedras por todo lado. Intempéries, calor, cansaço e fadiga e, muitas vezes, desânimo.

Dessa forma, ressalta-se a importância de sermos professores persistentes e perseverantes na tentativa de inserir todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem, mesmo sabendo que se encontram espinhos, barreiras, dificuldades e diferenças, o que não se pode nunca é deixar o desânimo tomar conta da nossa docência, haja vista, educar sempre ser um desafio.

É a partir do reconhecimento do valor de suas experiências de vida e visões de mundo que cada jovem e adultos pode se apropriar das aprendizagens escolares de modo crítico e original, sempre da perspectiva de ampliar sua compreensão, seus meios de ação e interação no mundo”. (BRASIL, 2001, p. 41).

Sobre isso, de acordo com Freire (1996) o ensinar não se limita apenas em transferir conhecimentos, senão também no desenvolvimento da consciência de um ser humano inacabado em que o ensinar se torna um compreender a educação como uma forma de intervir na realidade da pessoa e do mundo. Corroborando Demo (2000), enfatiza: a pedra de toque da qualidade educativa é o professor visto como alguém que aprende a aprender, alguém que pensa, forma-se e informa-se, na perspectiva da transformação do contexto em que atua como profissional da educação.

Podemos então, concluir refletindo a seguinte frase de Freire (2013, p.35) “Ensinar exige querer bem aos educandos”, sem afetividade, prazer, alegria, seriedade, responsabilidade, não tem como ter resultados positivos quando o assunto é aprendizagem, é preciso realmente querer bem aos jovens e adultos que passam por nós, pois muitos deles não têm o mínimo de apoio em sua realidade de

vida, portanto, se a escola não fizer algo por eles, estaremos, enquanto escola, excluindo-os e deixando marcas negativas em suas vidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que as exigências educativas da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas às diferentes dimensões das pessoas, bem como do meio ao qual elas estão inseridas. Haja vista, as principais barreiras no mundo em desenvolvimento serem representadas pelas desigualdades no acesso à educação e a oferta de baixo custo e de qualidade continuarem persistindo.

Assim, deduz-se que dentre os instrumentos imprescindíveis para uma formação geral que possibilite cidadãos autônomos e atuantes nesta sociedade em constante mutação, estão as práticas sociais de leitura e escrita.

Os seres humanos são dotados de processos cognitivos que estão intimamente relacionados, dentre eles estão: a sensação, a percepção, a aprendizagem, a atenção, a memória e o raciocínio. Pelos processos cognitivos é possível organizar os conhecimentos sobre o mundo, construir categorias, estabelecer estratégias de aprendizagens e resolver problemas.

Destaca-se que o problema de pesquisa delineado foi quais os fatores que dificultam o ensino da leitura e da escrita para o discente da EJA, influenciando e limitando sua aprendizagem?

Para perscrutar esta problemática, elaborou-se um questionário, o qual foi aplicado ao professor colaborador da E. E. M.I. Obdúlia Dantas – Catolé do Rocha-PB.

Atualmente, já não se considera um leitor aquele que apenas declara saber decifrar o código linguístico, mas aquele que sabe usar a leitura para exercer uma prática social e significativa para a vida. Contudo, para acontecer este fato torna-se necessário a escola simultaneamente aos paradigmas tradicionais do ensino da leitura, abrir-se ao novo, adotar uma nova postura de ensinar que provoque no seu aluno o hábito de ler.

Diante das observações, percebeu-se ações e estratégias positivas por parte do professor colaborador ao fazer uso de métodos de ensino que conduzem a aprendizagem e tornem o processo de leitura e escrita mais dinâmico e eficaz, bem como oferece aos alunos a oportunidade de interação com diferentes gêneros textuais, acesso as mídias, tudo de acordo com o ritmo, realidade e singularidade de cada discente.

Os objetivos, geral e específicos, foram alcançados haja vista através deles a pesquisa pôde ser desenvolvida. Para que esta pesquisa pudesse ser desenvolvida eficazmente, optou-se por percorrer um caminho que serviu de norte, este caminho foi a metodologia aplicada, onde a mesma deu subsídio para o desenvolvimento e conclusão da mesma, sendo suficiente para obter-se as informações necessárias.

Isto posto, deduz-se que a questão da aprendizagem da leitura e da escrita refere-se a discussão dos meios através dos quais o indivíduo pode construir seu próprio conhecimento, pois sabendo ler e escrever, ele torna-se capaz de intervir sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita, e com isso, produzir, também um conhecimento.

Dessa forma, a leitura é uma atividade representativa para a vida do ser humano, através dela adquire-se novos conhecimentos e diversas aprendizagens indispensáveis para o nosso crescimento tanto social, quanto cultural e intelectual.

Assim, constatou-se que o professor colaborador, busca aplicar o ensino de leitura na escola promovendo a construção de leitores críticos, capazes de argumentar, analisar e dissertar com veemência sobre assuntos diversos, considerando, para tanto, seus processos de formação, como também seus contextos socioeconômicos e políticos, elementos que os caracterizam.

Essa pesquisa permitiu concluir a necessidade e importância de integração da leitura e escrita de forma imprescindível no contexto escolar da Educação de Jovens e Adultos, a fim de suprir as dificuldades enfrentadas por esse público nas práticas de leitura e escrita, no intuito de responder as exigências desse universo globalizado contemporâneo onde todos fazem parte como seres atuantes no meio social.

Dessa forma, a sala de aula deve ser um espaço de construção desse conhecimento, onde prevaleça a liberdade de expressão, a interação, o entrecruzamento de vozes e realidades, o encontro de diferentes linguagens. E, ainda nela, os alunos devem designar relações com a cultura elaborando diferentes formas de adquirir informações e (re) construir conhecimentos, conceitos e valores.

Portanto, deve-se somar aos argumentos apresentados, enfatizado a necessidade de sanar os desafios e dificuldades relacionadas a leitura e escrita, e, contribuir para o alcance das perspectivas de melhorias para a Educação de Jovens e Adultos. Servindo de base para outros pesquisadores que tenham interesse

pelo tema. Devido à sua importância por intensificar uma reflexão sobre o ensino e conseqüentemente a aprendizagem da leitura e da escrita, tema que tem permeado discussões nas escolas. Bem como para os profissionais da área da educação, que visam uma educação melhor para toda sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé, in: **Aula de português**. 7. Ed. São Paulo: Parábola. 2009.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNE, Gilles. **Língua Materna: Letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Parecer CEB nº 11/2000, de 10 mai. 2000. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer\\_11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf)>.
- BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9394/96**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010.
- CAFIERO, Delaine letramento e leitura: formando leitores críticos. In BRASIL, secretária de educação básica. **Língua portuguesa, V. 19- coleção explorando o ensino-Brasília, 2010. P. 88**.
- CHIAPPINI, L. (Coord. Geral). **Aprender e ensinar com textos didáticos**. São Paulo: Cortez, 1997.
- COSSON, R. **A leitura e seus elementos in Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- DECLARAÇÃO MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS, **Conferência de Jomtien**, 1990. Disponível em: <[http://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10230.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10230.htm)>. Acesso em: 27 de jun. 2016.
- DI PIERRO, M.C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Cadernos Cedes, ano XXI, n.55. Nov. 2001
- FEUTRIN, Antônio Efro. **Inclusão Social na Escola: quando a pedagogia se encontra com a diferença**. 2ª Ed. São Paulo: Paulinos, 2006.
- FREIRE, P. O Mentor da Educação para a Consciência. **Revista. Nova Escola**. 2013.
- \_\_\_\_\_, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que completam**. 38 ed. São Paulo; Cortez, 2003.



FOUCAMBERT, Jean. **Modos de ser leitor**. Aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

FRIEDRICH, M.; BENITE, C. R. M.; BENITE, A. M. C. Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Projovem: uma análise entre a proposta oficial e a experiência vivida em Goiânia. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 74, p. 185-206, jan./mar. 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do Capitalismo real**. 5ª Ed. – São Paulo, Cortez, 2003.

FUNDEB. Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação. Lei 11.494, de junho de 2007.

GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética da Educação**: - 15 ed.- São Paulo; Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_, Moacir. **A Educação contra a educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere, vol. 1**, edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henrique e Marco Aurélio Nogueira. – 4ª Ed ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere, vol. 2**, 5 edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; coedição, Luiz Sérgio Henrique e Marco Aurélio Nogueira. – 4ª Ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2ª ed, 2004.

\_\_\_\_\_. **Oficina de leitura. Teoria e prática**. 8 ed. Campinas. SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 10. Ed.Pontes,2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artimed, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio. Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica/MEC, 1999.

MORE: **Mecanismo online para referências**, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013.

ONU. **A Metas dos Objetivos do Milênio para o Desenvolvimento (OMD)**. 2008, pp13-14.

PIERRO, Maria Clara Di. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115- 1139, Especial - Out. 2005 1135.

\_\_\_\_\_, Maria Clara Di. A Educação de jovens e adultos no Plano Nacional de Educação: avaliação, desafios e perspectivas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 939-959, jul. -set. 2010.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques. **Psicologia da Aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo**. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

POSSEBOM, Ardina. **Práticas de leitura na educação**. Vargem Grande, 2008.

ROSSI, W. G. **Pedagogia do trabalho: caminhos da educação socialista**. São Paulo: Moraes, 1982.

SAINT – ONGE, Michel. **O ensino na escola: O que é, como se faz**. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 1999.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1989.

SOARES, Magda. **Letramento um tema em três gêneros**. Editora Autêntica, 2004. p.39.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

UNESCO. **Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos**. – Brasília. 2010.

VIGOTSKY, L.S. A.R. e LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 4. ed. São Paulo: Icone, 1999, p.143.

ZILBERMAN, Regina. **A escola e a leitura: velhas crises, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

## **APÊNDICES**



**Universidade Estadual da Paraíba-UEPB**  
**Centro de Ciências Humanas e Agrárias – CCHA**  
**Departamento de Letras e Humanidades – DLH**  
**Licenciatura Plena em Letras**  
**APÊNDICE A**

**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA**

Através do presente instrumento, solicitamos ao Gestor Escolar Da E. E. M. I. Obdúlia Dantas – Catolé do Rocha-PB, Brasil, autorização para realização da pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, da Graduação em Licenciatura Plena em Letras da graduanda Talita Oliveira, tendo como título: A importância da leitura e escrita na perspectiva da Educação de Jovens e Adultos: os símbolos da aprendizagem na E. E. E. F. M. I. Obdúlia Dantas- Catolé do Rocha - PB. A coleta de dados será feita através da aplicação de questionário, conforme modelo anexo.

A presente atividade é requisito para a conclusão da Graduação em Letras da UEPB. As informações aqui prestadas não serão divulgadas sem a autorização final da Instituição campo de pesquisa.

Católé do Rocha - PB, 26 de novembro de 2015.

---

Pesquisadora graduanda

Deferido ( )

Indeferido ( )

---

Assinatura e carimbo do gestor



**Universidade Estadual da Paraíba-UEPB**  
**Centro de Ciências Humanas e Agrárias – CCHA**  
**Departamento de Letras e Humanidades – DLH**  
**Licenciatura Plena em Letras**

**APÊNDICE B**

**Instrumento para Coleta de Dados – Questionário**

**Público-Alvo – Professor de Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos – EJA- Ensino Médio**

Prezado professor,  
Gostaria de contar com a sua colaboração no preenchimento desse questionário que tem por objetivo coletar dados para pesquisa de graduação em Letras da UEPB.

**Pesquisadora: Talita Oliveira**

**Questão 1-**

Nome: \_\_\_\_\_

Gênero ( ) Masculino ( ) Feminino

**Faixa Etária**

( ) Até 25 Anos ( ) De 25 A 35 Anos

( ) De 35 A 45 Anos ( ) Mais de 45 Anos

**Curso de Formação Acadêmica:**

( ) Graduação ( ) Especialização/ Pós Graduação

( ) Mestrado ( ) Doutorado

**Participação em eventos da área ou afim:**

( ) Seminários ( ) Colóquios

( ) Congressos ( ) Outros

---

**Tempo De Magistério**

( ) Menos de 4 Anos

( ) De 4 a 6 Anos

( ) De 7 a 10 Anos

( ) De 11 a 20 Anos

( ) Mais de 20 Anos

**Em quais Instituições atua?**

( ) Pública Municipal ( ) Pública Estadual

**Turno (S) em qual leciona?**

( ) Matutino ( ) Vespertino ( ) Noturno

2- Como está sendo feito o processo de aquisição da leitura e da escrita de seus alunos (as): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3- Que atividades de leitura e escrita você desenvolve com seus alunos?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4 - Você utiliza diferentes gêneros textuais em sala de aula:

( ) sim ( ) não -Se sua resposta for afirmativa, quais gêneros?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5 - Os alunos dessa turma apresentam alguma dificuldade de aprendizagem em leitura e escrita? Qual tipo de dificuldade?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6 - Na sua opinião, que problemas podem acarretar as dificuldades de aprendizagem dos educandos?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7 - Na sua turma, quantos alunos apresentam dificuldades de assimilar a leitura e a escrita? Coloque a quantidade de alunos que apresentam:

( ) Dificuldade na leitura e na escrita

( ) Leem de forma decodificada

( ) Ainda não sabem ler ou escrever

( ) Já foram reprovados, mais de uma vez e continuam e com dificuldades

( ) Apresentam dificuldades em diferentes disciplinas do currículo

( ) Apresentam hiperatividade

( ) Não sentem nenhum tipo de dificuldade

( ) Outros tipos de dificuldades: quais?

8- Em relação as dificuldades dos alunos em assimilar os conteúdos relacionados a leitura e a escrita, a quem você atribui esse problema?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9 - Quais fatores sociais podem ser atribuídos às dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

10 Que metodologias você utiliza para facilitar o processo de ensino e aprendizagem e superar as dificuldades de assimilação da leitura e da escrita por parte dos alunos?

---

---

---

11 - Com relação as dificuldades da leitura e da escrita, o que você acha que pode ser feito para melhorar o desempenho dos alunos no processo de ensino-aprendizagem?

---

---

---

12 - Qual (is) da (s) atividade (s) são realizadas para favorecer a aprendizagem da leitura e escrita na sua sala de aula da EJA?

Use os códigos: **1 – Não gosto; 2 – Gosto pouco; 3 - Gosto muito**

- Contar história dramatizando ;
- Levar as crianças para o laboratório de informática, com o objetivo de utilizar os recursos tecnológicos em favor do letramento digital;
- Trabalhar com textos poéticos ;
- Atividades voltadas para aquisição do sistema convencional da escrita.
- Atividades de interpretação oral e escrita
- Momento de leitura
- Exploração da gramática
- Utilização do quadro para os alunos copiarem.
- Momento de relato de experiências das crianças.
- Utilização do livro didático.
- Acolhida com muita afetividade.
- OUTRAS

---

---

---

**Obrigada por sua contribuição!**